

ENSINO DE LEITURA E SEMIÓTICA: UMA VIAGEM PELAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Autora: Lucilena Aparecida Biscalchim

CURRÍCULO DO AUTOR: Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná atuante na Escola Estadual “Anastácio Cerezine”, Ensino Fundamental, em Alvorada do Sul, para classes de 5ª a 8ª séries, na disciplina de Língua Portuguesa. Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Londrina-UEL, pós-graduada em Didática e Metodologia do Ensino pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR.

**LONDRINA
2008**

RESUMO: Este trabalho investiga a eficácia da leitura de Histórias em Quadrinhos, na perspectiva da Semiótica, como estratégia de leitura e propõe intervenção nas turmas de 5^a e 6^a séries da Escola Estadual “Anastácio Cerezine” Ensino Fundamental II, de Alvorada do Sul, a partir da compreensão de Semiótica como uma das teorias derivadas das chamadas Teorias da Enunciação, que se ocupa da busca pelos sentidos do texto. Apresenta os resultados da pesquisa teórica sobre a Semiótica e da literatura relacionada, e o levantamento de idéias acerca do uso de histórias em quadrinhos como recurso didático. Analisa algumas histórias da Turma da Mônica e do Tio Patinhas a partir dos pressupostos semióticos e relata a intervenção feita por meio do desenvolvimento de atividades de leitura, oralidade e escrita. Conclui com a observação dos resultados obtidos e a indicação de futuras pesquisas complementares.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, História em Quadrinhos, Semiótica.

ABSTRACT: This work investigates the efficiency of the reading of comic books, in the perspective of semiotics, as a strategy of reading and considers the intervention in the groups of 5th and 6th grades of the State School “Anastácio Cerezine” Basic Education II, from the city of Alvorada do Sul, based on the understanding of Semiotics as one of the theories derived from the so-called Theories of Enunciation, which is concerned with the search for the meanings of the text. It presents the results of the theoretical research on the Semiotics and of the related literature, and the survey of ideas concerning the use of comic books as a didactic resource. It analyzes some stories from Turma da Mônica and from Uncle Scrooge based on the semiotics conjectures and it tells the intervention made by the development of activities of reading, orality and writing. It concludes with the comment of the results obtained and the indication of future complementary research.

Key words: Reading, Comic Books, Semiotics

O que pode haver em comum entre a leveza de uma história em quadrinhos e a profundidade de um estudo semiótico? Crianças que lêem em sala de aula, e se divertem enquanto aprendem.

Com o objetivo de investigar a eficácia da leitura de Histórias em Quadrinhos, na perspectiva da Semiótica, como estratégia para desenvolver o gosto, e principalmente o hábito, pela leitura, propõe-se intervenção nas turmas de 5ª e 6ª séries da Escola Estadual “Anastácio Cerezine” Ensino Fundamental II, de Alvorada do Sul, a partir da compreensão de Semiótica como uma teoria geral da enunciação, que se ocupa da busca pelos sentidos do texto. A proposta justifica-se pela constatação que a maior parte dos alunos, nesta fase, apresenta dificuldades na leitura e compreensão de textos, e, por isso, desenvolve aversão à atividade.

A ludicidade das histórias em quadrinhos, ao conjugar o texto verbal e o não-verbal, pode auxiliar o professor a reverter esta situação. O que não deixa de ser oportuno, uma vez que o ensino da leitura não deve restringir-se à linguagem verbal, sob pena de manter os alunos distanciados da compreensão de boa parte dos textos de diversas naturezas e linguagens que nos circundam. Para fazer frente à didatização dos livros infantis, há que se tornarem presentes nas escolas os usos sociais da língua escrita, pela diversidade, tanto dos modos de ler como dos gêneros e dos portadores de textos. Formar um leitor competente, capaz de compreender e pensar criticamente os textos e a realidade à sua volta, hoje, é dar-lhe instrumentos que lhe permitam saber interpretar textos não-verbais, ensiná-lo a observar os efeitos de sentido produzidos pela junção de linguagens diferentes.

Esta é uma tarefa para a qual o professor deve preparar-se, embasar-se teoricamente e adotar uma metodologia que possa dar conta de um ensino produtivo. Por este motivo, acreditamos na aplicabilidade da Teoria Semiótica, desenvolvida por A J Greimas e pelo Grupo de Investigações Sêmio-lingüísticas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (BARROS. 1990: 10), que se propõe a ser uma teoria geral da significação, para a construção do sentido dos textos das histórias em quadrinhos, em que se associam linguagem verbal e não-verbal. Assim Barros define o papel da Semiótica:

A Semiótica [...] procura hoje determinar o que o texto diz, como o diz e para que o faz. Em outras palavras, analisa os textos da história, da literatura, os discursos políticos e religiosos, os filmes e as operetas, os quadrinhos e as conversas de todos os dias, para construir-lhes os sentidos pelo exame acurado de seus procedimentos e recuperar no jogo da intertextualidade, a trama, ou o enredo da sociedade e da história. (BARROS. 1990: 78).

No intuito de justificar a necessidade deste estudo, esta proposta foi implementada em seis turmas (três turmas de 5ª série e três de 6ª série) da já referida escola estadual, um universo de aproximadamente 180 estudantes, parte oriundos da zona rural, parte residentes na cidade, porém com suas raízes familiares e econômicas, também na zona rural. Menos de metade desse número já havia tido contato com revistas de histórias em quadrinhos, fora do ambiente de sala de aula, e os que já haviam lido esse tipo de texto o fizeram esporadicamente.

O tema não é propriamente novo, porém, acredita-se que pouco divulgado entre os professores da Educação Básica. Alguns autores têm se ocupado do assunto e publicado livros e teses, no universo acadêmico, no intuito de contribuir para que a leitura desse gênero ganhe espaço nas escolas. A associação de linguagens diferentes, durante a leitura, mobiliza recursos extras para a compreensão do texto, pois, a linguagem gráfica seqüencial faz uma articulação entre e coerência semântica e a coerência plástica, assim, elementos de sentido podem ser representados figurativamente na forma visual dos personagens. Segundo teorização de Antônio Vicente Pietroforte:

“Uma história em quadrinhos é diferente, [em comparação com fotos e legendas, onde ocorre a ancoragem] nela as falas articulam-se com as imagens no eixo sintagmático que as realiza na formação do sentido que as compreende. Em etapa, o verbal não se limita a reduzir a polissemia das imagens, mas integra-se a elas na construção do sentido”.(PIETROFORTE. 2006).

As histórias em quadrinhos, agora valorizadas pela academia, são alçadas ao status de gênero discursivo (SILVEIRA. 2003). A oralidade, um dos três eixos primordiais do ensino da Língua Portuguesa, é representada nos quadrinhos dentro de uma perspectiva abrangente, ao reproduzir a língua falada e os demais elementos que a constituem, como gestos e voz. Os quadrinhos simulariam várias dessas características. Nos balões, em discurso direto, estariam representadas as

conversações, pausas, hesitações, truncamentos, sobreposições de vozes, complementadas pelo código visual que indicaria aspectos extraverbais da conversação: expressões faciais e movimentos do corpo. O tom de voz e as emoções do falante são mostrados ao leitor pelo formato e tamanho das letras e pelos contornos dos balões. (EGUTI. 2001). Ou seja, é uma atividade completa de leitura, tanto no plano do conteúdo como no da expressão.

Por que esse gênero textual suscita atenção exatamente neste momento privilegiado em que se encontram as discussões sobre a educação básica? A resposta pode não estar muito distante: diversidade sócio-econômica, cultural, disciplinar. Procuram-se novos horizontes metodológicos, por acreditar que o professor passou a gerenciar realidades múltiplas, após o advento da universalização da Educação Básica, para as quais o seu material didático - quase sempre o livro didático - não se aplica satisfatoriamente, por distanciar-se da linguagem infantil, apresentar seqüências didáticas de difícil compreensão para crianças não habituadas à leitura, por um tratamento superficial, até mesmo banal, dado à leitura e interpretação de textos, pela necessidade de construir um ensino que faça sentido à nossa infância.

Neste contexto, cabe ao professor ir ao encontro das necessidades pedagógicas dessas crianças. Para tanto, precisa buscar gêneros textuais que lhes despertem interesse, envolva-os na leitura, de forma a despertar nelas o gosto por uma atividade que, em princípio distanciada de sua realidade, é das mais prazerosas. Espera-se que, uma vez que as crianças tenham aprendido a reconhecer no texto escrito os sentidos construídos por sujeitos socialmente ativos e que compreendam que também elas, leitoras, constroem sentidos na interação com o texto, possam enxergar-se sujeitos socialmente ativos, tal como aqueles com quem interagem.

Durante as pesquisas, evidenciou-se o alcance multidisciplinar desse gênero, pois foram encontrados trabalhos de pesquisa e desenvolvimento de monografias e artigos em áreas como Arte, Ciências Biológicas, Línguas Estrangeiras, e, como não poderia deixar de ser, nas diversas modalidades de estudos da linguagem. A leitura de histórias em quadrinhos é um hábito enraizado na sociedade, tanto no universo infantil como adulto, no entanto, durante longo período, sofreu preconceito nos meios acadêmicos. Durante muito tempo, amparada em teorias alarmistas, o gênero foi banido das escolas, acusado de veicular uma linguagem nociva ao desenvolvimento

cognitivo e psicológico dos pequenos leitores. Os defensores de tais idéias basearam-se em argumentos, segundo os quais, os quadrinhos influenciariam na delinqüência juvenil e seriam culpados pelo desinteresse dos jovens pela leitura considerada séria. Principalmente no período que abrange as décadas entre 1940 e 1970, quadrinhos eram tachados de subliteratura, destruidores da cultura brasileira e havia até mesmo um dossiê elaborado por pedagogos do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep) em 1944 que garantia que a leitura de quadrinhos poderia causar preguiça mental nas crianças e as deseducariam para a leitura de livros. Chegou a tramitar no Congresso Nacional um projeto do deputado Armando Leite para censurar as HQS no país.

Apenas mais recentemente, estudos comparativos têm mostrado a falsidade desses argumentos. Diversas pesquisas que analisaram fatores relacionados à qualidade do ensino, feitas por instituições confiáveis, dentre elas pesquisa feita pela Universidade de Brasília, concluíram que os alunos leitores de quadrinhos têm melhor desempenho escolar do que aqueles que usam apenas o livro didático, e, em alguns casos, até melhor do que aqueles que têm contato apenas com livros e revistas. Com isso ficou comprovado que os quadrinhos colaboram para o desenvolvimento intelectual dos alunos (NALIATO. 2003). Além disso, boas universidades mantêm núcleos de estudos sobre quadrinhos, como é o caso da Universidade de São Paulo, com seu NPHQ – Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos, coordenado pelo Professor Doutor Valdomiro Vergueiro.

Feitas as observações a partir das condições reais de leitura com que ingressam na 5ª série os alunos da Escola Estadual Anastácio Cerezine, condições essas consideradas aquém das esperadas para a série, efetuou-se extensa pesquisa de como as histórias em quadrinhos poderiam oferecer suporte ao despertar o gosto pela leitura. Ao propor a leitura desse gênero, esperava-se incentivar nos alunos a disposição em dedicar-se à atividade, uma vez que se trata de um gênero lúdico e popular. Ao contrário de épocas passadas, em que quadrinhos e outros gêneros textuais eram praticamente proibidos nas escolas, hoje, a alegria de ler, o prazer provocado pela leitura passa a ser meta que se deseja alcançar. Porém, este trabalho não se ateve apenas ao lúdico. Pretendia também oferecer a oportunidade de ensinar ao aluno os recursos necessários para se chegar ao entendimento completo do conteúdo, por meio da análise dos temas e das figuras que compõem o texto dos

quadrinhos.

Com o objetivo de deixar clara a fundamentação teórica desta proposta, passemos a conceituar texto e leitura do ponto de vista da Semiótica e a explicitar alguns conceitos dessa ciência que darão embasamento ao trabalho com o texto verbal e não-verbal dos quadrinhos.

Analisemos, primeiramente, o conceito de texto. Estudos semióticos propõem a concepção de texto como uma entidade dual: trata-se de um conjunto de mecanismos que o tornam um todo de sentido, o que faz dele um objeto de significação, em que alguém (um enunciador) diz algo a outrem (um enunciatário) e entre os dois se estabelece uma relação de significado, possibilitada por uma análise interna ou estrutural dos mecanismos que o compõem; o texto, ao mesmo tempo, é também um “objeto de comunicação”, porque está inserido em um contexto sócio-histórico tanto no momento de sua produção quanto no de sua recepção. Um enunciado refere-se a outros enunciados correntes na sociedade, há uma heterogeneidade discursiva, um diálogo entre esse discurso com outros que circulam socialmente. (BARROS. 1990).

Uma vez posto o que é texto, passemos a analisar o que é leitura. Para a Semiótica, leitura é uma semiose, uma atividade em que um determinado conteúdo, expresso por um conjunto de signos, impõe ao leitor o desafio de interpretar esses signos para chegar ao sentido. Realizar essa semiose requer do leitor uma competência parecida com a do autor do texto. Quando o fazer receptivo e interpretativo do enunciatário/leitor não dá conta de explicitar aquilo que está implícito, cabe à Semiótica fazê-lo, por meio de procedimentos de análise, ao mesmo tempo sintática e semântica, na busca por pistas que levem à reconstrução dos sentidos do texto. (GREIMAS, COURTÉS. 1983: 251-252. Apud NERIS: 2006: 3).

Embutidos em todo discurso existem duas figuras essenciais: o enunciador (autor, ou produtor do texto, aqui renomeado por tratar-se de um sujeito do discurso) e o enunciatário (leitor, também sujeito, para quem o enunciado foi produzido). Para a Semiótica, o enunciatário é o destinatário implícito da enunciação, ou seja, no contexto da produção do enunciado, estava previsto a que tipo de leitor se destinaria, determinando-se, assim, características próprias na composição do discurso, o que faz com que o enunciatário torne-se um co-enunciador, já que dependerá dele, de como ele recebe e interpreta o texto, de suas experiências com outros discursos, confirmar a veridicção do enunciado, ainda que as expectativas do enunciador não

se confirmem no fazer interpretativo do enunciatário. Sobre o papel do enunciatário, dizem Greimas e Courtés:

(...) o enunciatário não é apenas destinatário da comunicação, mas também sujeito produtor do discurso, por ser a "leitura" um ato de linguagem (um ato de significar) da mesma maneira que a produção do discurso propriamente dito. (GREIMAS, COURTÉS, [s/d.]: 150. Apud GOMES: 2004).

Dentre os procedimentos de análise propostos pelos estudos semióticos, estão aqueles que levam o analista a encontrar no texto os temas e as figuras, que são elementos constitutivos de qualquer tipo de texto, ainda que alguns se apresentem mais figurativos, outros mais temáticos, dependendo da concretude ou abstração com que foram construídos (FIORIN. 1999). Os elementos figurativos de um texto remetem ao mundo das coisas, do que há de concreto (passível de visualização mental) presente na natureza, ou naquilo que o enunciado postula como concreto e faz crer que o seja. Essa concretude cria simulacros de mundo, ou seja, expressa situações semelhantes ao mundo concreto, para que o enunciatário/leitor possa compreender os temas presentes no mundo real. Os elementos temáticos remetem ao abstrato, às idéias, que podem ser percebidos na concretização do abstrato. Os temas dão significados às figuras.

As histórias em quadrinhos são textos figurativos, portadores de estrutura narrativo-descritiva fundada na conjunção das imagens com o texto escrito. No entanto, mesmo um texto completamente figurativo traz em si um conjunto de idéias de que o leitor poderá se apropriar tematizando as figuras.

Aproveitaram-se, neste trabalho, as teorizações a respeito do Plano da Expressão e do Plano do Conteúdo, de que todo texto é constituído. Em seus primórdios, quando os estudos semióticos ainda não haviam se diferenciado da Semiologia, cada um desses planos da linguagem requeria estudos em separado, não precisavam estar associados para abarcar o sentido do texto. Hoje, podem-se distinguir três tipos de relação entre a expressão e o conteúdo: os sistemas simbólicos, em que os dois planos estão em conformidade, ou seja, cada elemento da expressão corresponde a um elemento do conteúdo, não há possibilidade de

uma palavra ou signo significar outra coisa que não seja o que ela realmente significa, é o caso, por exemplo, das placas de trânsito; os sistemas semióticos, em que não há conformidade entre os dois planos, havendo necessidade de estudá-los separadamente, como é o caso das línguas naturais; e há os sistemas semi-simbólicos, em que um signo possui significação ou conteúdo na própria expressão, mas necessita da conjugação dos dois planos para construir o sentido global do enunciado. Pode-se demonstrar essa noção de Semi-simbolismo, ou conjugação dos Planos da Expressão e do Conteúdo, nas histórias em quadrinhos.

A Semiótica criou um simulacro metodológico como forma de estabelecer alguns critérios necessários ao estudo de textos. Construir sentidos para um texto nada mais é do que se apropriar do seu conteúdo, e isso pode ser feito a partir de um Percurso Gerativo do Sentido que deve começar no nível mais simples para o mais complexo. O autor, ao construir seu enunciado, baseia-se numa idéia, portanto algo abstrato e amplo, e para expressá-la vai explicitando-a em figuras cada vez mais concretas e simples. O leitor deve fazer o percurso inverso ao apropriar-se dos sentidos do texto: partir do mais simples e percorrer as figuras buscando alcançar a idéia mais ampla que deu origem àquele enunciado.

O Percurso Gerativo do Sentido compõe-se de três etapas: o nível fundamental, onde as idéias mais importantes do texto se fixam, e o que torna possível percebê-las são as oposições semânticas encontráveis no nível fundamental, por meio dos conceitos de euforia/disforia ou conjunção/disjunção. As oposições são categorias semânticas do texto, que, ao opor dois termos do mesmo campo semântico, desvelam a articulação temática geral do mesmo. Há ainda o nível narrativo em que se analisam as passagens de um estado para outro dentro da narrativa. Essas passagens ou transformações de estado ocorrem de diversas maneiras: por manipulação, quando um sujeito induz o outro a fazer alguma coisa; por competência, quando o sujeito que faz possui um poder ou um saber para fazê-lo; por performance, quando o sujeito do fazer executa a ação proposta na narrativa; e por sanção, quando a performance se realiza e receberá sanções por parte dos outros membros da narrativa. Finalmente, há o nível discursivo, onde se manifesta o tema, recoberto por figuras, por metáforas. É no nível discursivo também que a capacidade de argumentação do enunciador leva ao fazer-criar em relação ao enunciatário, por meio das informações e idéias implícitas, para convencer,

persuadir o leitor sobre a sua "verdade". Segundo Fiorin:

[...] a Semiótica considera que um componente determinante do processo comunicacional é o fazer crer. Por isso, o componente argumentativo adquire um relevo muito grande na teoria. Argumentação é qualquer mecanismo pelo qual o enunciador busca persuadir o enunciatário a aceitar seu discurso, a acolher o simulacro de si mesmo que cria no ato de comunicação. (FIORIN. 1999).

Um dos recursos argumentativos usado pelo enunciador é a Isotopia Temática, quando um conjunto de figuras sistematicamente arranjadas em gradação crescente, compõe temas parciais que apontam para um tema central. Outro recurso é a veridicção. Verdade, em se tratando de uma análise semiótica, passa a ser veridicção, um efeito de verdade com o qual o discurso se apresenta, pois o enunciador estabelece com o enunciatário um contrato em que este último, de posse dos elementos argumentativos do discurso, confrontará seus valores e crenças.

Uma leitura que faça sentido à criança precisa confrontar os valores embutidos no texto com os valores do leitor. Por este motivo, ao analisar um trecho de uma história do personagem Cebolinha que faz parte de uma seção do Portal Turma da Mônica intitulada Páginas Semanais, em que o garoto diz que quer fazer xixi, enquanto a mãe recebia uma visita para o chá, os alunos avaliaram na fala dele o tamanho da letra em que foi escrita e o tipo de balão, relacionando esses dados com as expressões faciais da mãe e da visita. Estes elementos que constituem o Plano da Expressão são figuras que recobrem temas. Neste caso, o Plano da Expressão é formado pelo texto não-verbal, os desenhos e todos os seus recursos visuais, e o texto verbal presente nas falas dos personagens. Os desenhos indicavam um claro constrangimento dos adultos ao ouvir o menino dizer em tom alto de voz, que queria fazer xixi, e aqui está toda a conformação do Plano do Conteúdo, inclusive, de todo o sentido da história. As figuras: visita, sala de estar, xícaras de chá, mãe bem vestida, remetem ao tema vida em sociedade, o que pressupõe boa educação, respeito, conversas amenas. Por outro lado, as figuras: xixi, garoto falando alto, entrada intempestiva na sala, remetem à intimidade do lar,

relaxamento das normas sociais. Interativamente, os pequenos leitores questionaram o motivo do constrangimento da mãe. Para muitas pessoas, principalmente nos meios sociais a que os alunos pertencem, não há nada de estranho em falar sobre as necessidades fisiológicas, seja para quem for e em qualquer tom de voz. Para outras, boa educação significa discricção com determinados assuntos, que não devem ser expostos a quem não pertence ao círculo mais íntimo. Compreender essa diferença é fundamental para que o leitor compreenda, também, o conteúdo do quadrinho, manifestado nas formas do desenho, do tipo de balão, cor e tamanho das letras.

A compreensão se confirma nos quadros seguintes, no modo como a mãe fala com o filho, no balão-cochicho, disfarçadamente, e o ensina a se comportar perante a visita. Agora sim, ocorre a adequação entre o comportamento aceitável e as convenções sociais, presente nas figuras do cochicho e nas falas da mãe: "Não se fala 'quero fazer xixi' na frente das visitas". Nesta história, como o objetivo maior é o humor, ocorre uma quebra da isotopia temática, pois a mãe combina com o menino um código para quando houver a necessidade de falar que quer fazer xixi na frente de visitas: "Por que ao invés de dizer que quer fazer xixi, você não diz, por exemplo, quero cochichar?" ao que o garoto responde: "Cochichar? Está bem". No entanto, o garoto não compreendeu bem e, durante a noite, acorda o pai dizendo que precisa "cochichar", ao que o pai, desconhecendo o código combinado, lhe diz para cochichar em seu ouvido.

Outro fator analisado juntamente com os alunos, é o modo como a mãe ensina o garoto, carinhosamente, o que se percebe nas expressões alegres e reconfortantes dos dois personagens, e em como ela toca o rosto do filho. Estes detalhes, tão importantes para a construção do sentido do texto, somente podem ser verificados e analisados no Plano da Expressão, e, no entanto, influenciam totalmente no Conteúdo.

A ocorrência de onomatopéias, aliadas aos outros recursos visuais, não apenas contribui para a compreensão do texto, como, às vezes, é fundamental para esse fim. Em uma seqüência em que os personagens Cebolinha e Cascão (Páginas Semanais, Portal da Turma da Mônica) tentam arrancar um dente da Mônica amarrando-o por meio de uma corda a objetos como a maçaneta da porta e ao pára-choque do carro, o tamanho e o colorido das letras nas onomatopéias, indicam que o

volume do som foi muito alto, estrondoso até, no momento em que uma força contrária aplicada na corda arranca a porta das dobradiças e depois o pára-choque onde estava amarrada. As figuras: corda, porta, pára-choque remetem ao tema força, hiperbólica até, evidência mais do que clara do poderio de quem puxava a corda, no caso, a Mônica. Ao final, os personagens não conseguem arrancar o dente e a garota diz que vai ao dentista. Aqui a isotopia temática se mantém, pois todas as figuras indicam que a força da personagem não poderá ser enfrentada.

Com vistas a exemplificar uma outra atividade de leitura de quadrinhos a partir da análise dos temas embutidos nas figuras, usaremos uma historieta da Mônica (Páginas Semanais, Portal da Turma da Mônica). Na história, em que não há texto escrito, Mônica está muito preocupada com as condições de higiene de seu coelhinho de pelúcia, Sansão, por isso, dá-lhe um banho demorado e minucioso. Ao final, ela expressa prazer ao sentir o “cheirinho de limpeza” do brinquedo. Neste momento chega o Cascão e lhe faz caretas e mostra a língua. Instintivamente, Mônica reage atirando-lhe o coelhinho, como sempre faz. Tarde demais ela percebe seu erro: o bichinho, antes limpo e cheiroso, agora está sujo e exala o mau cheiro característico do Cascão. Mônica precisará dar-lhe outro banho. De acordo com um Percurso Gerativo do Sentido, em seu nível fundamental, dois temas contraditórios, porém complementares estão presentes nas figuras: a idéia de limpeza como algo desejado, que faz bem à pessoa e é motivo de prazer, e a idéia de sujeira, que provoca asco, desejo de restabelecer imediatamente a limpeza. O texto apresenta uma Isotopia Temática desde o início, ao mostrar as expressões faciais da personagem durante o ato de lavar o coelho, o prazer com que ela realiza a tarefa, de forma recorrente em vários quadrinhos, perseguindo o objetivo de garantir a limpeza.

Revistas em quadrinhos do personagem Tio Patinhas também serviram para o desenvolvimento do trabalho em sala de aula. Este famoso personagem apareceu pela primeira vez em quadrinhos em dezembro de 1947, criado por Carl Backs. Em inglês seu nome é Uncle Scrooge, porque foi inspirado no avarento Ebenezer Scrooge, personagem principal do livro Conto de Natal, do escritor Charles Dickens. Para compreender as mensagens implícitas nas historinhas, e assim realizar a semiose, o jovem leitor necessita formar pré-requisitos, ou um conjunto de informações, que lhe possibilitem, no momento da leitura, acionar operações

mentais que lhe expliquem os porquês das ações ou fatos da história. Ou seja, esse leitor, transformado pela leitura em enunciatário, deve apropriar-se do contexto sócio-histórico da produção do texto, e deve saber contrapor isso ao seu próprio contexto sócio-histórico, no momento da recepção. Somente dessa forma, o fazer - receptivo e interpretativo do aluno dará conta de reconstruir os sentidos do texto. Sobre a importância do contexto do aluno/enunciatário, diz Orlandi:

[...] na produção da leitura, ele [o leitor] entra com as condições que o caracterizam sócio-historicamente. Ele terá, assim, sua identidade de leitura configurada pelo seu lugar e é em relação a esse “seu” lugar que se define a “sua” leitura. (ORLANDI, 1995: 62).

Por esse motivo, o personagem foi “apresentado” aos alunos por meio de desenhos animados, filmes e a história de sua criação que lhes foi contada pela professora.

No início, Tio Patinhas foi coadjuvante nas histórias do Pato Donald, mas, como fez muito sucesso, ganhou sua própria revista. O personagem existe há sessenta anos, e é conhecido como “o pato mais rico do mundo”, que encanta leitores do mundo todo, adultos ou crianças, com seu jeito ranzinza e a eterna luta por mais dinheiro. Pode servir como exemplo a história “O bicho-preguiça adivinho” (Revista Tio Patinhas nº487, ed. Abril) onde é narrado um episódio em que Tio Patinhas, ao saber que foi descoberta uma espécie de bicho-preguiça que prevê acontecimentos, reúne seus sobrinhos e parte em busca do animal, na esperança de que, possuindo-o, saberá com antecedência os movimentos da bolsa de valores e poderá ganhar mais dinheiro. Do ponto de vista do Percurso Gerativo do Sentido, no nível fundamental, podemos estabelecer uma oposição semântica: ambição X despreendimento. A disposição eufórica do Tio entra em choque com a vontade disfórica dos sobrinhos. Foi possível analisar com os alunos, nas expressões faciais dos personagens, a intransigência do Tio Patinhas e o espanto seguido de revolta dos sobrinhos, ao saberem que o tio não quer abrir mão do animal, mesmo após este lhe ter salvado a vida, prevenido um acontecimento que poderia ter sido fatal. O tema subentendido por trás das figuras faz referência a uma das principais características do personagem como ícone do capitalismo: preservar a natureza em seu estado integral impediria o desenvolvimento de novas tecnologias e o impulso

econômico. A cada leitura, as características de cada personagem foram amplamente exploradas a partir de suas ações, expressões e falas.

Uma análise dessa história em seu nível narrativo, mostra no desenrolar dos fatos, as mudanças de estado ou transformações descritas por Fiorin (FIORIN, 1999). Em trechos subseqüentes da historinha, encontramos o personagem mostrado como um homem de negócios aventureiro e ousado, sempre em busca de novos objetivos a alcançar, novos desafios a enfrentar. (Seu lema é: “Sempre há um novo arco-íris”). Ao saber que o bicho-preguiça adivinho foi encontrado na América do Sul, ele não hesita em partir em busca da raridade, e arrasta consigo os sobrinhos. Tio Patinhas é o sujeito que, por meio da manipulação, induz os sobrinhos a participarem da aventura, obriga Donald a, inclusive, saltar de pára-quedas no meio de uma floresta. É o sujeito que tem a competência, porque possui o poder sobre os sobrinhos, e por isso, manda e desmanda. Pode-se analisar a força de comando do Patinhas, a resistência do Pato Donald e como os sobrinhos do Donald, Huguinho, Zezinho e Luisinho se parecem com o Tio-avô, não hesitando nem diante do perigo. Há aqui a defesa de uma idéia de que para se dar bem, é preciso não temer o desconhecido, estar sempre disposto a vencer qualquer desafio. Pode-se depreender do texto uma clara oposição entre as dificuldades contra a força de vontade.

A performance se concretiza quando os personagens realizam todas as ações planejadas pelo Tio Patinhas para a captura do animal adivinho, apesar dos percalços naturais da floresta e das artimanhas engendradas pelo inimigo nº 1 do Tio, o personagem Mac Mônei, que também deseja capturar o bicho e com esse objetivo prepara armadilhas para a família do Patinhas. Mac Mônei é o anti-sujeito do texto que tem o mesmo desejo da posse manifestado por Patinhas. A conjunção de um com o objeto desejado será a disjunção do outro com o mesmo objeto. No momento do clímax da história, já vencido o inimigo e preso o animal, ocorre a sanção. A performance realizou-se e agora o personagem passará a ser julgado pelos sobrinhos. Os meninos exigem que o Tio liberte o bicho-preguiça em agradecimento por este lhe ter salvado a vida, mas o velho não aceita e diz: “Vocês têm que ser mais duros! O dinheiro sempre vem primeiro! Não posso deixar uma fortuna dessas para trás!” Ao que os meninos respondem: “O senhor já tem muito dinheiro” e Donald completa: “Vamos! Ele tem um coração de pedra!”. As figuras

dinheiro, fortuna e coração de pedra remetem ao tema ganância, já associada ao personagem Patinhas.

Originalmente, segundo concepção de seu criador, Carl Backs, Patinhas possuía senso de ética muito próxima à da época em que construiu sua fortuna, ou seja, vale quase tudo para ganhar dinheiro, só não se pode infringir a lei (mesmo que seja um conceito bastante relativizado de honestidade, pois quando é possível contornar a lei, ele não hesita em fazê-lo). Essa é uma filosofia que defende o capitalismo, onde aqueles que têm “garra” incansável conseguem vencer na vida, contrária à filosofia Marxista, defensora da igualdade em todos os aspectos. Backs não acreditava que todos possam ser iguais. Esse modo de defender o capitalismo sofre crítica, no mundo todo, por parte daqueles que vêem nas histórias do Tio Patinhas uma forma de imposição das idéias imperialistas dos Estados Unidos aos países pobres. Cada nuance dessas idéias e marcas próprias encontradas nos textos, foram analisadas e debatidas entre os alunos, respeitando-se seu nível de maturidade. Ao final da história, o personagem Patinhas liberta o bicho-preguiça às escondidas, para não demonstrar enfraquecimento perante os sobrinhos, assim, ocorre uma outra oposição semântica, orgulho x humildade, que tem por objetivo dar à história um final quase canônico, em que tudo acaba bem, e o mal – neste caso, a ganância - é vencido. Ocorre, então, uma quebra da Isotopia Temática, já que, durante toda a história, a lógica interna do enunciado levava o enunciatário a crer que o personagem levaria seu desejo até o fim. Como conclusão da análise do nível narrativo, observe-se que o sujeito Patinhas passou por mais de uma transformação de estado: no estado inicial estava em disjunção com o objeto bicho-preguiça adivinho, houve um estado intermediário em que ficou em conjunção com o objeto, porém, no estado final, ocorreu a disjunção e uma volta ao estado inicial.

Como este trabalho descreve a intervenção feita por meio de atividades de leitura de histórias em quadrinhos em turmas de 5ª e 6ª séries, dentro de uma perspectiva de análise semiótica, conforme já citado anteriormente, passemos a explicitar os encaminhamentos metodológicos utilizados para a aplicação prática da teoria em questão.

Com o objetivo de desenvolver as atividades propostas, foi preciso formar um pequeno acervo de revistas em quadrinhos, conseguido por meio de doações da comunidade, dos próprios alunos e dos professores, pois a escola não dispunha de

recursos para comprá-lo.

Um conjunto de 35 a 40 exemplares de revistas em quadrinhos foi distribuído aos alunos para leitura, por tempo previamente combinado, de aproximadamente vinte minutos. Neste momento, houve a percepção de que grande parte das crianças, principalmente aquelas provenientes de famílias socialmente menos favorecidas, e também as oriundas de famílias pouco letradas, não conheciam alguns elementos básicos da composição das histórias em quadrinhos. Foi possível, assim, realizar um diagnóstico a respeito dos conhecimentos prévios e dos hábitos de leitura dos alunos, em ambientes não escolares. As conclusões do diagnóstico comprovaram as primeiras impressões, pois um número pequeno de alunos teve acesso aos gibis fora da escola, mesmo assim, quando tiveram esse contato, foi bastante esporádico, durante visitas à biblioteca da escola em que cursaram o ensino fundamental inicial, ou então, quando viram em livros didáticos trechos de histórias. De início, a aceitação da leitura foi total, pela curiosidade e ludicidade. No entanto, depois de algum tempo, vários alunos tenderam a desistir da atividade, justamente aqueles que mais apresentaram dificuldades em avaliações diagnósticas anteriores. Faltava-lhes a persistência necessária para vencer obstáculos, portanto, esse valor ainda está em processo de sedimentação.

Após a leitura, a professora iniciou o trabalho com os elementos visuais das HQS, pela análise da sua forma, em primeiro lugar, mostrando às crianças a disposição dos quadros e a seqüência de um para outro. Pode parecer óbvio para muitos, porém, os alunos que não têm o costume de ler, não compreendem como está construída a ordenação dos quadros em um gibi. Esta etapa exigiu a escolha de algumas histórias curtas, colocadas em transparências e projetadas na sala. Após cada análise os alunos voltavam aos gibis para continuar suas leituras, desta vez, com um novo olhar. Sob orientação da professora e em grupos, os alunos procederam à leitura crítica das histórias, em busca de elementos que possibilitassem comparações quanto à expressão física dos personagens, ausência ou presença de dinamismo, cenários e recursos gráficos, quantidade de quadrinhos por página, enquadramentos e perspectivas.

Na seqüência do trabalho, após a leitura e ainda com as transparências, foram analisadas as expressões faciais e corporais dos personagens, e, os alunos passaram a perceber quando o personagem estava triste, alegre, zangado, curioso,

etc., numa transposição para a prática dos elementos temas e figuras. Como atividade de interação, as crianças imitaram as expressões dos personagens. A professora explicou o que significam os indicadores de movimento do desenho, aqueles tracinhos paralelos ao corpo dos personagens, que mostram os seus movimentos, ou a multiplicação de partes do corpo para indicar rapidez de movimentos, fumacinha ou poeirinha ao indicar uma corrida, por exemplo. Mostrou o que são metáforas visuais, por exemplo, aquela fumacinha acima da cabeça do personagem quando ele está nervoso, uma lâmpada acesa quando ele tem uma idéia, um ponto de interrogação quando está em dúvida, coraçõezinhos quando está apaixonado ou estrelas quando sente dor. Ao término de cada conjunto de elementos vistos, voltava-se aos gibis para outras leituras, sempre com uma bagagem nova, bem mais rica, de informações e conhecimentos. A essa altura do trabalho, já começavam a despontar aqueles que queriam ler o tempo todo, que reclamavam quando a professora queria iniciar outros conteúdos. Para alegria da professora, muitos pediam para levar as revistinhas para casa.

Em outro momento, chamou-se a atenção para os diferentes tipos de balões, suas funções e significados. Os alunos procuraram nas historinhas que estavam lendo os formatos dos balões e relacionaram-nos às circunstâncias em que apareciam. Outro ponto importante, e que chamou muito a atenção das crianças, foram as onomatopéias, que representam graficamente os sons das histórias. Elas foram convidadas a verbalizar esses sons dramatizando trechos das histórias, a princípio timidamente, mas logo fizeram verdadeiras sonoplastias.

Foram feitas também algumas atividades práticas no campo da escrita: a professora reproduziu histórias curtas e tiras em que as falas foram apagadas nos balões para que os alunos criassem novas falas a partir da leitura das imagens; em outras histórias foram retirados os balões e solicitou-se que criassem outros balões para aquele mesmo contexto; analisaram as expressões e os cenários, observando a importância da imagem; foram distribuídas cópias com o início da história até a instalação do conflito para que criassem o restante até a conclusão. Em todas estas atividades, houve depois a comparação com o texto original, quando alunos e professora constataram que, se alguns ficaram muito próximos dos originais, outros tiveram idéias completamente diferentes, mas em todos foi possível observar a coerência e a adequação às imagens apresentadas.

Na seqüência do desenvolvimento da proposta, passou-se a explorar os recursos da linguagem. Após a leitura, foi feito o levantamento do vocabulário, dos elementos que garantiam a coesão lingüística de uma cena para outra, marcas de oralidade presentes nas falas dos personagens e elementos de narratividade como: quem, onde, quando, o quê? As falas do narrador, nas histórias em quadrinhos, aparecem sempre em balões quadrados e, as dos personagens, em balões redondos. Esse tipo de ocorrência serviu como pretexto para discutir discurso direto e indireto, reescrever a história na forma narrativa, evidenciando a necessidade de registrar com detalhes o que foi observado nas imagens.

Em conjunto com a análise dos recursos da linguagem, aconteceram as interpretações mais específicas das histórias que estavam nas transparências, e ainda, no âmbito do conteúdo, uma análise do enredo da história, de como se mantém a ação da narrativa. Foram levadas em conta nas discussões as características dos personagens, físicas e psicológicas, seus sentimentos, modos de falar, modo como se relaciona com o medo, o amor, a amizade, etc., As questões sociais, quando presentes nos textos, suscitaram análises, como as relacionadas à família, a profissões, a ocorrência ou não de estereótipos, o combate a preconceitos. No primeiro momento foram usados gibis e histórias reproduzidas da Turma da Mônica, em que o universo infantil é desvelado para a criança de modo muito divertido. A capacidade de liderança da personagem Mônica sobre as outras crianças, a agressividade provocada por sua baixa auto-estima, uma vez que ela é baixinha, gordinha e dentuça (Figuras como altura, peso e arranjo dental remetem a temas como padrões de beleza), as características da pronúncia do Cebolinha, a gula da Magali e o medo de água do Cascão, a fala caipira da Turma do Chico Bento. Todos contêm elementos que encontraram eco nas vivências dos alunos, uma vez que todos os personagens criados por Maurício de Souza, além das características da brasilidade, de mostrar os espaços múltiplos da cidade e da roça, desvelam, ainda, para a criança, a naturalidade com que se pode tratar de problemas físicos, dificuldades de relacionamento, e o modo lúdico, bem-humorado de lidar com os medos infantis. Depois, vieram as leituras de histórias do Tio Patinhas, de caráter mais ideológico, exigindo-se um nível mais profundo de compreensão acerca de valores como avareza, capitalismo, exploração do trabalho e outros.

Como atividade extra, foram feitas a leitura e análise das seções de cartas dos leitores em todas as revistinhas e mostradas essas seções em jornais e revistas para adultos, onde são consideradas importantes em todas as publicações.

Finalmente, foi proposta aos alunos a produção de histórias em quadrinhos, por meio de oficinas em que, em grupos, os alunos elaboraram roteiros na forma narrativa, especificando as ações dos personagens, as falas e legendas, e também a descrição dos cenários. Desenharam os quadros de acordo com as descrições dos cenários, dos personagens e das ações que estavam definidos nos roteiros e coloriram. Em seguida, desenharam os balões, escreveram as falas e as legendas previamente produzidas. Depois de prontas, as histórias foram encadernadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento em que se faz necessário tecer algumas considerações a guisa de conclusão. O objetivo maior deste trabalho foi investigar se a prática de leitura de histórias em quadrinhos em uma perspectiva da Semiótica poderia suscitar o gosto pela leitura em alunos a partir da 5ª série, e propor, como método de investigação, a intervenção por meio de atividades de leitura e busca dos sentidos dos textos verbais e não-verbais das histórias em quadrinhos.

Alguns porquês se inserem no contexto deste momento final: Por que histórias em quadrinhos? Por que Semiótica?

Qualquer atividade de leitura demanda trabalho, alguma morosidade, esforço físico e mental, e somente após a descoberta de como o texto foi tecido, de sua trama, se conquista o prazer de ler. Talvez por esse motivo, o ensino da leitura é um desafio e se constitui, muitas vezes, em momentos difíceis em que professores e alunos travam uma queda de braço em torno dos textos, quase sempre restritos à linguagem verbal escrita, que compõem os livros didáticos. Oferecer histórias em quadrinhos pode transformar o ensino de leitura em algo espontâneo, divertido e motivador, sem que se perca de vista o caráter formal e organizado, próprio do ensino de saberes escolar.

A Semiótica traz a sua contribuição no sentido de organizar a interpretação das histórias, de forma a que não ocorram práticas equivocadas ao se pensar no texto como objeto de sentido fechado, que o leitor deve apenas receber passivamente, ou, ao contrário, acreditar-se que qualquer interpretação que se faça é correta, com base apenas na visão de mundo do leitor. A partir da busca dos sentidos, da imanência, proposta pela Semiótica, o leitor poderá ouvir o que o texto tem a dizer e amparar suas idéias próprias nos elementos que ali se articulam.

No desenvolvimento de métodos a partir das teorias estudadas e aqui descritas, junto aos alunos da Escola Estadual “Anastácio Cerezine”, observou-se resultados satisfatórios quanto à capacidade de interpretação textual, elevação dos níveis de interesse pela atividade de leitura, inclusive pelo fortalecimento do hábito de levar material para ler em casa, e ainda, como bônus não previsto, o fortalecimento de laços afetivos importantes para a interação professor/aluno, que

imputamos ao reconhecimento de interesses mútuos e gostos comuns.

A eficiência desta metodologia que associa as histórias em quadrinhos à Semiótica ainda é passível de futuras pesquisas e experimentos, visto que tanto no que concerne aos estudos da linguagem e do texto, quanto à demanda por uma educação fundamental de boa qualidade, em que se possam alcançar níveis internacionais não apenas de alfabetização, mas também de letramento, muito trabalho ainda está por vir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo, Ática, 1990.

EGUTI, Clarícia Akemi. *A representatividade da oralidade nas histórias em quadrinhos*. São Paulo, USP, 2001. Dissertação de Mestrado.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo, Contexto, 1989.

FIORIN, José Luiz. *Sendas e veredas da Semiótica narrativa e discursiva*. DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 177-207, 1999.

FOGAÇA, Adriana Galvão. *A Contribuição das Histórias em Quadrinhos na Formação de Leitores Competentes*. Rev.PEC, Curitiba, v.3, n1, p.121-131, jul. 2002- jul. 2003.

GOMES, Regina Souza. *O Ensino da Leitura: Uma Abordagem Semiótica*. 2004. Disponível em www.filologia.org.br/linguagememrevista/01/09.htm Acessado em 29.11.2008.

NALIATO, Samir. *A Importância dos Quadrinhos na Educação*. Artigo do sítio Universo HQ. 17/06/2003.

NERIS, Leandro de Oliveira. *Semiótica e Leitura: o fazer receptivo do leitor analista*. São Paulo.Rev. Eletrônica Estudos Semióticos. 2006. Disponível em www.fflch.usp.br/dl/semiótica/es Acessado em 29.11.2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Semiótica Visual – Os Percursos do Olhar*. São Paulo, Contexto, 2004.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. *O Sincretismo entre a Semiótica Verbal e Visual*. Revista Intercâmbio. Vol.XV. São Paulo. LAEL/PUC-SP. 2006.

PLATÃO & FIORIN. *Para Entender o Texto*. São Paulo, Ática, 1990.

SILVEIRA, Valéria Rodrigues. *A palavra-imagem nos gestos de leitura: os quadrinhos em discussão*. São Paulo, PUC, 2003. Dissertação de Mestrado.